

Por que usar quadrinhos em sala de aula?



Lielson Zeni
OPET-PR

Obtive meu grau de mestre no programa de Pós-Graduação em Letras, com ênfase em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 2007, com uma dissertação que comparou a adaptação de Peter Kuper para *A metamorfose* com a obra de partida de Franz Kafka. Cheguei ao trabalho com adaptações literárias por um caminho torto, pois meu projeto inicial era comparar o trabalho literário e quadrinístico de Lourenço Mutarelli. Esse projeto, no transcorrer da pesquisa, foi reencaminhado para o estudo da carnavalização (nos termos bakhtinianos) de tiras cômicas como *Níquel Náusea* e *Piratas do Tietê* e acabou recusado pelo parecerista.

O parecer foi duro e desanimador, mas meu orientador Luis Bueno cumpriu seu papel. De acordo com a visão dele, adap-

tações literárias não seriam questionadas sobre sua pertinência a um programa de estudos literários, pois mantêm uma relação muito clara com a literatura.

Concordei com ele e investi minha energia para estudar Kafka e Kuper. Afinal, minha pergunta inicial, aquela que todo pesquisador deve ter como arranque de seu trabalho, também poderia ser respondida com essa pesquisa de *A metamorfose*: quadrinhos são literatura?

Esse foi o ponto mais criticado no parecer que recebi e, hoje, eu entendo o porquê. Hoje, me vejo no passado com uma pergunta ingênua nas mãos e consigo afirmar que quadrinhos não são literatura, que se tratam de artes diferentes, com recursos diferentes, mas que podem, sim, dialogar.

Mas só posso propor essa resposta aqui, porque

me fiz a tal pergunta anos atrás. Bacharel em Comunicação Social pela mesma UFPR em 2003 (e posteriormente, também Bacharel em Letras, novamente pela UFPR) usei conceitos de teóricos da comunicação durante a confecção da dissertação. Assim, pinço Marshall McLuhan e, se o meio não é toda a mensagem, é, sem dúvida, parte muito importante da apresentação dessa mensagem. Com essa base, afirmo que os quadrinhos são um meio (mídia) diferente do meio texto verbal em prosa. Eis um paradigma em minhas pesquisas.

E foi na leitura do teórico canadense, após o parecer negativo, que percebi que eu não precisava justificar as histórias em quadrinhos como linguagem artística, tema que me preocupava. Seria muito mais eficiente tratá-los como se fossem arte, de igual para igual com a literatura, mas uma arte que expressa sua mensagem por um meio diferente.

O que eu tentava ao comparar com a literatura era validar os quadrinhos como uma arte autônoma e digna de valorização. Não fui o único que abraçou esse erro perspectivo: Will Eisner, autor de diversas histórias em quadrinhos e um dos propagadores do termo *graphic novel*, também forçou essa aproximação. Mas o que eu não percebia naquela época é que, ao tentar empurrar os quadri-

nhos dentro dos paradigmas da literatura, eu diminuía a força da arte que eu tanto pretendia valorizar.

Do ponto de vista literário, não apenas os quadrinhos, mas também o cinema, a dança e a pintura são mídias deficitárias, que não podem ser valorizadas tanto quanto um romance ou um poema. Porém, se invertermos a perspectiva e olharmos dos quadrinhos para a literatura, também perceberemos que a prosa ou a poesia é incapaz e incompleta diante das histórias em quadrinhos, pois faltam as imagens, as onomatopeias visuais, os quadros, a sarjeta.

Porém, a literatura já era uma arte estável e inquestionável, consolidada por uma história de milhares de anos, enquanto as histórias em quadrinhos impressas e reproduzidas massivamente têm pouco mais de um século de existência.

Ao centrar a atenção no próprio meio das HQs, minha pergunta "se os quadrinhos eram literatura" ganhava uma resposta. Quadrinhos não são literatura, assim como também não o são o cinema, a dança, o teatro ou qualquer outra coisa, a não ser eles mesmos, a não ser quadrinhos. Estando isso claro para mim, me utilizei de um texto sobre análise estrutural de narrativa de Roland Barthes para fazer o pareamento entre os dois textos (a história em quadrinhos

de Kuper e a prosa de Kafka).

Outro paradigma de minha pesquisa é que o texto não se refere somente às palavras escritas ou faladas, mas também ao encaideamento de signos não verbais, me valendo de uma noção semiótica obtida com a leitura de autores como Julio Plaza e Roman Jakobson. Tendo essa noção de texto, pude fazer os devidos ajustes teóricos, incluir a teoria da montagem e da justaposição de Sergei Eisenstein como ferramenta de análise e levar minha dissertação até seu ponto final. E todo esse processo de conhecimento partiu de uma pergunta simples.

Portanto, em vez de me envergonhar de fazer perguntas simples, novamente proponho uma questão que acredito, logo poderá ser considerada de resposta fácil: por que usar quadrinhos em sala de aula?

Eu (e imagino que os pesquisadores de quadrinhos em geral) encontro nessa arte um prazer e uma satisfação de leitura que gostaria de estender a todos. Mas isso não justifica racionalmente por que se deveria mudar as políticas governamentais de educação e incluir as histórias em quadrinhos na sala.

Qual é o propósito disso? Qual é o ganho pedagógico que os quadrinhos podem trazer na atual situação brasileira?

Uma pergunta leva a seguinte e esta a outra, e assim temos uma forma de construir o conhecimento. As histórias em quadrinhos devem entrar na sala de aula de que modo? A linguagem dos quadrinhos deve substituir ou auxiliar ou complementar os livros didáticos? Pensamos em novos modelos de livros didáticos? Ou as HQs entram em outro momento do processo de ensino?

Trata-se de propor a leitura de quadrinhos nas aulas de português ou de literatura? Mas como, se quadrinhos não são literatura? Ou defendemos que eles sejam uma forma relacionada à literatura? Pensa-se, ainda, em usar as HQs como auxílio, como uma facilitação para o ensino de literatura, numa relação hierárquica em que se usa um para chegar ao outro?

No último caso, justamente, o que me parece mais corriqueiro é o que menos se pensa em quadrinhos como forma. Então, por que usar quadrinhos em sala de aula? É realmente necessário que programas como o PNBE dediquem parte de suas compras a álbuns de histórias em quadrinhos?

Uma boa razão, muito boa razão, para que os alunos tenham acesso às histórias em quadrinhos é permitir que eles experimentem diversas formas de expressão no contexto de sala de aula, e não apenas o texto escrito.

Então, ao se levar as HQs para a escola, não

deveriam também ir outras formas de expressão artística? Por que quadrinhos e não teatro, dança, artes visuais, música, cinema, arquitetura?

A literatura já está lá, há projetos para a presença da música e muitas escolas têm monitores e reprodutores de audiovisual. Então, por que optarmos pelos quadrinhos, que exigem dos alunos individualidade e concentração, parecendo-se à literatura, e não pela dança ou pelo teatro, que pedem um corpo em movimento e relações de parceria? Fiquemos claros: não considero a cognição da leitura de quadrinhos e de literatura parecidos, mas sim a relação do corpo e de sua postura no momento da leitura. Portanto, o ideal seria termos todas essas artes na escola e estimular os alunos de diversas maneiras.

Mas seria mesmo possível ter tudo isso na sala de aula? Há um cronograma escolar que comporte o ensino de todas essas formas expressivas? Imagino que não. Por isso, essas expressões artísticas ficam disponíveis aos alunos somente caso o professor tenha conhecimento particular dos assuntos, pois também não há preparação adequada para que esse profissional consiga dar conta disso.

Então, em um caso hipotético de que precisamos escolher quais das formas de expressão ofereceremos

aos alunos, a nossa aposta seria mesmo a das histórias em quadrinhos?

Fui questionado por um dos expectadores de "por que ensinar literatura em sala de aula?". A resposta que não tive, mas me ocorreu depois, é que seria uma boa ideia ensinar literatura. Empenhe-se muito tempo com historiografia literária e pouco com a linguagem do texto verbal. Traçando um paralelo: é isso que queremos? Que se ensine a história das histórias em quadrinhos?

Há uma resposta muito crua para a pergunta que me foi feita: ensina-se literatura na sala de aula porque faz parte do currículo obrigatório do MEC. Mas creio que haja uma razão para essa obrigatoriedade.

Existe uma relação muito forte entre a cultura letrada e acesso à cultura. Não é preciso alfabetização para a apreciação de música, teatro, dança. Ao se valorizar a cultura letrada, é natural que a expressão de texto verbal se coloque em destaque. Os quadrinhos ocupam uma posição híbrida nesse aspecto, porque exigem uma postura de leitura similar à do texto literário, além de contarem com texto verbal e imagem pictórica, estando, assim, parcialmente nos domínios da palavra escrita.

A adoção de tantas adaptações literárias em quadrinhos pelos programas governamentais dos últimos anos me faz acreditar que não se busca trazer os quadrinhos para sala de aula, mas sim a facilitar o acesso à literatura, incorrendo assim em alguns equívocos: o medo da dificuldade no aprendizado; a fé de que a literatura é somente o que se conta e não o trabalho com a palavra; e uso auxiliar dos quadrinhos, com uma visão de buscar literatura nas HQs, e que os quadrinhos são uma mera ponte para se chegar à terra que importa.

Com essa visão do governo sobre a função das HQs, na falta de preparação dos discentes para trabalhar com os quadrinhos, com índices altos de analfabetismo funcional, índices baixos de leitura entre os brasileiros, eu insisto na pergunta: por que usar quadrinhos em sala de aula?

Bibliografia

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2008.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

KAFKA, Franz; KUPER, Peter. *A metamorfose*. São Paulo: Conrad, 2003.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

PLAZA, Julio. *A tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (org.). *Quadrinhos na educação: Da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009. ■